

A representação das variações linguísticas na fala de Chico Bento, de Maurício de Sousa

The representation of linguistic variations in the speech by Chico Bento, by Mauricio de Sousa

La representación de las variaciones lingüísticas en el discurso de Chico Bento, por Mauricio de Sousa

Recebido: 20/06/2022 | Revisado: 29/06/2022 | Aceito: 03/07/2022 | Publicado: 13/07/2022

Marli Ferreira de Carvalho Damasceno

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8308-4390>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Brasil
E-mail: marlidamasceno@ufpi.edu.br

Raqueline Castro de Sousa Sampaio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6924-2807>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Brasil
E-mail: raquelinecastro@ifpi.edu.br

Resumo

Sabe-se que as variações linguísticas são fenômenos intrínsecos às línguas, e que é um processo decorrente da diversidade e da constituição das comunidades humanas. Por isso, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a variedade linguística na fala do personagem Chico Bento, nas tirinhas de Maurício de Sousa, além de discutir o preconceito linguístico e de que forma o professor pode atuar em sala de aula. Este debate é importante em todos os espaços sociais, principalmente no meio escolar, já que as variedades linguísticas estão presentes na língua materna, nos mais variados espaços e contextos. Este trabalho, de cunho bibliográfico, analisou as variedades linguísticas presentes na fala de Chico Bento. A fala de Chico Bento foi escolhida por apresentar a variação diatópica, uma linguagem coloquial típica da zona rural, em que é trocado “lh” por “i”. Constatou-se que trabalhar a variação linguística em sala de aula é papel fundamental do professor de língua portuguesa, pois, dessa maneira, possibilita que o aluno reflita sobre o uso diferenciado que se deve fazer da língua em determinadas situações.

Palavras-chave: Preconceito linguístico; Variação linguística; Gênero tirinha; Chico Bento.

Abstract

It is known that linguistic variations are intrinsic phenomena to languages, and that it is a process resulting from the diversity and constitution of human communities. Therefore, the present work has as general objective to analyze the linguistic variety in the speech of the character Chico Bento, in the strips of Maurício de Sousa, in addition to discussing linguistic prejudice and how the teacher can act in the classroom. This debate is important in all social spaces, especially in the school environment, since linguistic varieties are present in the mother tongue, in the most varied spaces and contexts. This bibliographic work analyzed the linguistic varieties present in Chico Bento's. Chico Bento's speech was chosen because it presents the diatopic variation, a colloquial language typical of the rural area, in which “lh” is exchanged for “i”. It was found that working on linguistic variation in the classroom is a fundamental role of the Portuguese language teacher, because, in this way, it allows the student to reflect on the differentiated use that should be made of the language in certain situations.

Keywords: Linguistic prejudice; Linguistic variation; Strip genre; Chico Bento.

Resumen

Se sabe que las variaciones lingüísticas son fenómenos intrínsecos a las lenguas, y que es un proceso resultante de la diversidad y constitución de las comunidades humanas. Por lo tanto, el presente trabajo tiene como objetivo general analizar la variedad lingüística en el discurso del personaje Chico Bento, en las tiras de Maurício de Sousa, además de discutir el prejuicio lingüístico y cómo el profesor puede actuar en el aula. Este debate es importante en todos los espacios sociales, especialmente en el ámbito escolar, ya que las variedades lingüísticas están presentes en la lengua materna, en los más variados espacios y contextos. Este trabajo bibliográfico analizó las variedades lingüísticas presentes en el habla de Chico Bento. Se eligió el discurso de Chico Bento porque presenta la variación diatópica, un lenguaje coloquial propio del área rural, en el que se cambia la “lh” por la “i”. Se constató que trabajar la variación lingüística en el aula es un papel fundamental del profesor de lengua portuguesa, pues, de esa forma, permite al alumno reflexionar sobre el uso diferenciado que se debe hacer de la lengua en determinadas situaciones.

Palabras clave: Prejuicio lingüístico; Variación lingüística; Tira género; Chico Bento.

1. Introdução

Este estudo tem como objetivo analisar as marcas da variação linguística na fala da personagem Chico Bento, de Mauricio de Sousa, no gênero textual tirinha. A escolha pelo tema proposto deu-se através das observações feitas nas expressões e vocabulários diversificados que as pessoas consideradas analfabetas e descendentes de famílias humildes e moradores da zona rural utilizam no dia a dia. Levamos em consideração também a identificação da fala do personagem Chico Bento como uma ferramenta importante para trabalhar a variação linguística.

A aceitação das diferenças, especialmente das linguísticas, faz parte do discurso dos estudiosos da linguagem e dos professores de um modo geral, entretanto, o professor de Língua Portuguesa chega à sala de aula com a missão de ensinar o aluno a "falar e a escrever corretamente". O primeiro desafio desse docente é exatamente aprender a conviver com as variedades linguísticas; estimular o aluno a sistematizar a fala e, conseqüentemente, escrever de acordo com a norma culta. No entanto, o professor de Língua Portuguesa continua angustiado porque a maioria dos alunos chega à escola falando e escrevendo com uma grande variedade de variações estigmatizadas.

A Língua Portuguesa é dotada de uma grande variação, uma vez que a língua é um fato social e o falante, portanto, tem autonomia no seu uso. A variação linguística deve-se a uma porção de fatores como: classe social, idade, sexo, contexto, escolaridade, formalidade ou informalidade na situação de fala, entre outros, formando, assim, uma enorme diversidade nacional (Costa, 2010).

Uma das formas que os professores podem realizar este trabalho em sala é através dos gêneros textuais, especialmente a tirinha, que é um meio de comunicação muito utilizado pelo público infanto-juvenil, e também pelos adultos por seu caráter humorístico, envolvendo personagens fixos, relacionados ao cotidiano. Esse gênero é constituído pela linguagem verbal e não verbal que agregadas produzem o sentido do texto. Sendo um gênero agradável e de fácil análise linguísticas, leitura e interpretação textual, é bem instigante para o aluno, que na maioria das vezes cria uma aversão à leitura.

Embora seja um tema muito discutido nos cursos de formação de professores, e tenha um vasto estudo, as variações linguísticas são indiscutivelmente um dos fatores que fortalecem a fileira do déficit de linguagem contribuindo dessa forma, para um ensino de deixa o aluno cada vez mais distante do "aprender" e também como difusor de preconceito linguístico. Por conta disso, quanto mais pesquisas forem realizadas nessa área, maior a probabilidade de que o problema seja amenizado nas escolas brasileiras.

2. Metodologia

Esta pesquisa é de natureza descritiva, e partiu do estudo de uma revista em quadrinho, artigos científicos, teses e livros, voltados para o gênero textual tirinha com eixo nas variações linguísticas. Constitui-se como corpus de análise quatro tirinhas da fala da personagem Chico Bento. Na pesquisa descritiva, conforme Marconi e Lakatos (2017), não há interferência do pesquisador na análise dos dados, sem que sejam feitas generalizações dos resultados.

Considerando a importância da pesquisa para a compreensão dos inúmeros problemas que cercam o processo de ensino aprendizagem de língua materna no que concerne as variações linguísticas e a forma como são trabalhadas no interior do espaço educativo, far-se-á um levantamento das variações mais recorrentes nas tirinhas selecionadas (Andrade, 2007).

3. Resultados e Discussão

Já que a língua constitui um elo imprescindível nas relações humanas, a ela está ligado um caráter social, apontando que a relação entre língua e sociedade não é meramente casual. Segundo Preti (2000), desde o nascimento, as pessoas estão cercadas pelos signos linguísticos, o que dá ao homem o poder de comunicar-se, tornando a língua o meio mais comum para a

comunicação. Sons, gestos, imagens, diversos e imprevistos, cercam a vida do homem moderno, compondo mensagens de toda a ordem [...], transmitidas pelos mais diferentes canais como a televisão, o cinema, a imprensa, o rádio, o telefone, o telégrafo, os cartazes de propaganda, os desenhos, a música e tantos outros (Preti, 2000, p. 12).

Conforme Damasceno (2013), independentemente de quais sejam os canais, a língua desempenhará um papel de grande relevância, tanto na forma oral, quanto na forma escrita. Essa dinâmica cria (ou recria) novas maneiras de comunicar-se com o mundo. Consequentemente, a sociedade só existirá caso a língua exista (Preti, 2000), pois esta é a manifestação da vida em sociedade.

O reconhecimento da importância da linguagem na vida social e mesmo a atribuição de “poder” que lhe é conferida têm levado desde cedo muitos estudiosos a fazerem observações e pesquisas acerca da língua, o que fez com que surgissem algumas teorias linguísticas, tais como o Estruturalismo, o Gerativismo, a Linguística do texto, a Sociolinguística, a Dialetoлогия, além das teorias enunciativas, a saber: Análise do discurso e da conversação e da Pragmática. Acerca da Sociolinguística, seus estudos tiveram grande desenvolvimento na década de 1960 nos Estados Unidos (Preti, 2000).

O desejo de estudar a língua e a sociedade foi ampliando-se à medida que trabalhos na área de comunicação foram sendo divulgados, bem como pela necessidade de conhecer outros povos, outras culturas, não descartando, é claro, o anseio por conhecer melhor a comunidade na qual o pesquisador está inserido (Preti, 2000). Também contribuíram para que pesquisas em Sociolinguística surgissem, os trabalhos na área de Sociologia e de Linguística, com autores como Bloomfield, Boas e Sapir, linguistas da época, e sociólogos como Joshua Fishman, Thomas Sebeok, dentre outros.

Foi com os estudos da língua dos índios americanos feitos por Benjamim L. Whorf, que os estudos sociolinguísticos tiveram mais impulso. Preti (2000) assinala que Whorf, ao observar a língua hopi, focalizou a expressão do fenômeno tempo e espaço, concluindo então que a língua organiza a visão de mundo de cada povo. Segundo a hipótese de Sapir-Worf, há uma relação entre determinismo linguístico e relatividade linguística. Assim, a língua influencia e predetermina o pensamento. Um exemplo é o sistema de cores, ou seja, para Sapir, as línguas dividem o espectro de cores um tanto diferentemente (Preti, 2000).

Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é de extrema importância, o que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. Consequência disso é que as diferenças linguísticas são inerentes a toda e qualquer sociedade, e a sua não aceitação implica preconceitos linguísticos e sociais.

Em uma das primeiras tentativas de criar um arcabouço teórico com base na variação linguística, Willian Bright (1966) estabelece sete dimensões que devem ser observadas no estudo da variação linguística. As três primeiras estão ligadas ao emissor, receptor e contexto.

A primeira está ligada à identidade social do emissor ou falante, o que é ilustrado mais claramente por casos de dialetos de classes em que as diferenças de fala relacionam-se com a estratificação social. A segunda é definida em função da identidade social do receptor, que é sempre relevante, pois contribui para a definição do estilo de fala, formal ou informal. A terceira dimensão está associada ao contexto, que compreende todos os elementos possivelmente relevantes no ambiente de comunicação (Bright, 1966).

As outras quatro dimensões estão ligadas, respectivamente, a finalidades e objetivos do pesquisador; o que as pessoas usam como língua e qual sua crença acerca dela; a extensão da diversidade; e, por fim, a aplicação, que representa as mais amplas implicações inerentes às descrições da diversidade sociolinguística.

Apesar da preocupação com as relações entre língua e sociedade ser bem antiga, como, por exemplo, os estudos saussurianos, que tratavam da língua como instituição social, da qual os indivíduos faziam uso, e a despeito de o termo “Sociolinguística” ter sido cunhado em 1949, segundo Elia (1987), esta só se constitui uma teoria linguística a partir de 1960.

Os falantes de uma mesma língua dependendo da região (variação diatópica), da situação da fala e dos registros

(variação diafásica), ou do nível socioeconômico (variação diastrática), apresentam diferenças nos seus falares. É o que chamamos de dialeto, sendo uma variação linguística que apresenta características fonológicas, sintáticas, semânticas e morfológicas próprias.

A variação diatópica é a variedade regional ou geográfica e é representada pelas pessoas que falam a mesma língua. As variações diatópicas também são responsáveis pela existência do regionalismo ou falares locais, sendo que o regionalismo ou falares locais representa os costumes e cultura de uma determinada região.

As comunidades, apesar da possibilidade de áreas de intercessão, estão geralmente distribuídas em diferentes espaços geográficos. Isto pode contribuir para que seus falantes adquiram hábitos linguísticos que os diferem de outras comunidades linguísticas. Para Labov, trata-se de um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua (Monteiro, 2000, p. 40).

Estes hábitos particulares das comunidades constituem subsistemas, chamados de dialetos regionais e que estão inseridos no grande sistema que é a língua. Estes subsistemas caracterizam os hábitos linguísticos da comunidade em questão, e marcam também outros traços culturais dos falantes.

Por este prisma, as marcas de dialeção são também marcas socioculturais e étnicas, pois o homem constrói e repassa sua cultura por intermédio da língua, além de identificar-se social, étnica e culturalmente. Este fato justificou o surgimento da Dialetoлогия, que, para Crystal (1988), é o estudo sistemático de todas as formas de dialeto, em especial o dialeto regional.

Nessas diferenças regionais, em que uma palavra pode adquirir acepções semânticas relacionadas com o seu significado em relação às outras regiões, como por exemplo: “a macaxeira”, “aipim” e “mandioca” também podem ser citadas como exemplo a “tangerina” e “bergamota”, que são termos utilizados para designar o mesmo produto em regiões diferentes.

Por conta dessas variações, a noção de certo ou errado da língua surge e com ela o que chamamos de preconceito linguístico, caracterizado como uma atitude grosseira, manifestado perante pessoas, culturas, lugares ou tradições considerada estranha e não aceita por quem critica.

Bagno (2013) afirma que o preconceito linguístico nasce da ideia que a única língua portuguesa correta é a que está presente na gramática normativa e é falada por estratos sociais mais altos. Nesta ótica, compreendemos a importância da existência das normas que regula.

3.1 A variação linguística o trabalho com o gênero textual tirinha nas aulas de língua portuguesa

De acordo com Bechara (2006, p. 38):

O professor de hoje reconhece que o aluno vem com sua modalidade linguística. Uma língua que só tem uma modalidade é uma língua morta. O ideal é que o aluno seja poliglota na própria língua, que ele aprenda o maior número de realidades da sua língua e até a língua padrão porque senão vai cometer vários erros de tradução na própria língua.

No entanto, nem sempre os docentes estão preparados para o trabalho com a variação e diversidade linguística de seus alunos, pois estão presos às regras gramaticais e poucos dão ênfase ao processo de variação. Além disso, na maioria das vezes, quando comentada na sala de aula passa a ser sinônimo de “falar errado”. No entanto, é necessário que se compreenda que a variação linguística é a maneira peculiar de falar de cada indivíduo. Para evitar esse tipo de situação, é necessário entender que a língua sofre mudanças ao decorrer do tempo, por isso não deve ser estudada como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que falam como afirma Bagno (2013).

Importante destacar o caráter renovador que a língua possui. Por isso, é unânime a concepção que as línguas não são uniformes, mas variáveis, dinâmicas e múltiplas. Acerca desse fenômeno, Bagno (2001, p. 52) aborda que “o que acontece é

que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”.

Cagliari (2003) elucida que os falantes de uma língua aprendem a variação linguística peculiar das comunidades em que estão inseridos, no entanto, a sociedade se utiliza desses modos peculiares e estigmatizados de se expressar para marcar indivíduos e classes sociais pela maneira como falam. Esta atitude social revela preconceitos linguísticos, pois marca diferenças linguísticas como índice de estigma ou prestígio. Por isso, conforme Camacho (2011), não se deve impor um padrão às variações linguísticas existentes na sociedade, mas fazer uma adaptação delas ao ensino na escola.

Nesse contexto, a variação linguística é muito importante nas aulas de língua portuguesa, visto que cada aluno traz em sua história um pouco dessa variação, seja pelo meio social que vive, pela região, condição financeira, ou outros fatores que podem influenciar na sua maneira de falar. Com isso, a escola deve adequar o aluno a usar a língua nas diversas situações condizentes e ensinar a língua de maior prestígio, sem com isso menosprezar as origens do falante que expressa por meio da fala sua história.

É necessário que a escola leve como fator primordial as variações linguísticas carregadas pelos seus alunos, considerando o meio social que os engloba e seu jeito de viver porque só assim o aluno vai se sentir valorizado e se tornará mais eficaz a interação em sala de aula, tornando o aprendizado melhor. De acordo com Bechara (2006), a crise vivenciada pela escola tem raízes mais profundas, sendo resultante de um processo histórico social repleto de desigualdade.

De acordo com o que pressupõe Possenti (2002), para que um projeto de ensino de língua seja bem sucedido, uma condição deve ser necessariamente preenchida; "que haja uma concepção clara do que seja uma língua e do que seja uma criança", em outras palavras, as atividades de linguagem devem partir da linguagem dos alunos e suas inerentes peculiaridades, com o objetivo de que haja inclusão, que é um aspecto que passa também pelo aspecto linguístico, já que a variação linguística está presente em todos os gêneros produzidos pelos alunos.

Cagliari (2002) defende que a maior parte dos problemas de fala e de escrita está correlacionada com a variação linguística, sobretudo, porque não há um entendimento por parte da escola dos elementos que influenciam a criança na aquisição da escrita. Isso significa "olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os seres humanos que a falam e escrevem" (Bagno, 2001, 19).

Portanto, o trabalho com as variedades deve ser embasado nas diferenças existentes no universo linguístico social do aluno. Nessa perspectiva é válido ressaltar: "Deve-se considerar a língua como uma atividade social, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, toda vez que se põe a interagir verbalmente seja por meio da fala, seja por meio da escrita" (Bagno, 2001, p. 19).

Percebe-se, nesse caso, que o ensino de língua materna passa sim, por uma crise quando no processo de ensino aprendizagem o professor se depara com as questões de inserção das variações linguísticas enquanto suporte ou recurso pedagógico nas aulas de produções textuais escritas. Isso se dá, porque, de acordo com Cagliari (2003), a escrita continua sendo entendida como espelho da fala, e um texto bem escrito continua a ser considerado como aquele que não tem erro ortográfico.

No Brasil, as diferenças linguísticas condicionadas não são necessariamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante, tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade positiva, por isso, é preciso considerar as variedades quando se propõe a exercer um trabalho efetivo com a língua.

Sobre esse ensino sistematizado, é importante relevar: "a escola recebe o aluno já possuidor de um sistema linguístico prévio limitado à oralidade e esse saber linguístico vem norteado de variedades que de alguma forma podem ser utilizadas para o enriquecimento das aulas de língua materna" (Bechara, 2006, p. 05).

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 185) a utilização das variedades em sala de aula é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção, apesar da grande ênfase que a pesquisa sociolinguística tem dedicado às consequências da variação linguística.

Os aspectos referentes a essas variações são mais perceptíveis no plano fonético, na estruturação das sílabas e nas produções escritas dos alunos. Percebe-se então, que a escola tem grande influência tanto na aquisição de variantes de prestígio como também, na ampliação dos preceitos nas variantes que o aluno, traz principalmente as fonéticas que são mais evidentes: muié (mulher), bassora (vassoura), nois fumo (nós fomos), pru mode que (por causa de), Istaduzunido (Estados Unidos), entre outras.

Cagliari (2003) assinala que o desconhecimento da realidade linguística da criança e uma concepção de ensino de língua equivocada são fatores determinantes para se entender melhor, por que a escola custa tanto a ensinar, o aluno sofre tanto para aprender. Nessa perspectiva de um ensino pautado nas diferenças, Bagno (2013) enfatiza que em toda língua existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada uniformemente. Significa que as variações são um processo natural da linguagem humana podendo, portanto, ser manifestado tanto na fala como na escrita. Sobre isso, salienta que:

As línguas mudam todos os dias evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta outra, sincrônica: pode se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Sendo assim, o ensino de língua deve ser pautado nas variações que a língua apresenta sejam elas geográficas ou sociais (Calvet, 2002, p. 89).

Bagno (2003, 150) acrescenta que uma das tarefas do ensino de língua da escola seria, então, discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística. O papel do professor de português no trabalho com a língua materna deve estar associado a uma conscientização dos valores que as variações podem desempenhar no processo de criação do aluno enquanto sujeito produtor.

Bortoni-Ricardo (2005) considera o microcosmo da sala de aula também como um espaço sociolinguístico multidimensional, no qual professores, alunos e demais profissionais do ensino estão submetidos a múltiplas influências determinantes de um comportamento linguístico muito variado. Dessa forma, o reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental, para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno oriundo de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade do português não padrão.

Possenti (2002) defende que a primeira verdade que devemos encarar é relativa ao fato de que em todos os países (ou em todas as comunidades de falante) existem variedades de línguas. As diferenças existem e necessitam ser vistas por professores estudiosos da língua para que o ensino de língua materna seja comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas.

Bortoni-Ricardo (2004) apresenta uma proposta teórica de estudo da variação linguística, a partir da observação de que os primeiros estudos dialetológicos no Brasil identificavam na ecologia linguística brasileira, diversas variedades distintas entre si: o português culto, o português popular e o português dialetal. Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), numa sociedade como a brasileira, em que a língua padrão não se desvincula da classe social o seu sucesso ou fracasso está diretamente ligado as oportunidades de inserção na cultura letrada, conforme enfoque:

[...] uma criança pobre de antecedentes rurais poderá ter alguma oportunidade se for introduzida à cultura letrada por meio do processo escolar, a menos que, por uma conjunção quase mágica de talento, esforço pessoal e circunstâncias políticas, o letramento vai até ela e ela se torne um brasileiro ou uma brasileira que alcance a cidadania dominando os modos prestigiosos de falar (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 35).

“Cabe então à escola enriquecer o potencial comunicativo do estudante, dando-lhes meios e modos de transmitir o que pensa e sente (ou ler o que os outros expressam) em qualquer variante linguística” (Bechara, 2006, p. 13). Partindo desse pressuposto, a escola é via única de ascensão pessoal e, conseqüentemente, social.

3.2 Algumas considerações acerca do gênero textual tirinha

O gênero textual tende a configurar como uma instituição que incorpora e reflete na sociedade em que ocorre, regulando as ações de produtores e receptores, e com o estudo dos gêneros textuais as pessoas perceberão as diversas formações discursivas dos gêneros em sua volta, e poderão perceber o que pode e o que não pode ser dito, em um gênero específico.

O trabalho com os gêneros textuais em sala de aula possibilita ao educando o contato direto com as suas variadas formas de interação, permitindo, assim, a compreensão do sistema linguístico, como as variações linguísticas, em que a leitura e a escrita são essenciais para a inclusão do indivíduo na sociedade, sendo a escola a ponte incontestável para sistematizar esses saberes.

Sendo assim, o uso do gênero textual em sala de aula não deve ficar restrito ao professor de Língua Portuguesa, pois todo professor deve utilizar texto concretizado para que haja uma significativa aquisição da linguagem, por meio dos gêneros disponíveis na sociedade. Os PCNs (1997, p. 30) afirmam que:

Cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade.

Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs, 1997, p. 34), “a diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno”. Neste sentido, quando essa diversidade começa a fazer parte do contexto escolar, cumpre um importante papel modalizador, e servindo como uma fonte de referência para o repertório textual, dando um grande suporte para a atividade intertextual.

A primeira história em quadrinhos tira de jornal, tirinha ou gibis, foi criada por Richard Outcault, no ano de 1895, com a história do menino amarelo, que teve uma repercussão bastante positiva. No Brasil, chamado de gibis, foi o primeiro contato com a leitura para milhões de crianças, seja pela maneira particular de contar as histórias, ou por seus desenhos criativos, sendo que esses podem ou não vir acompanhados de texto, em que as crianças vibravam com as histórias dos seus heróis favoritos, muitos pais e educadores tinham as histórias em quadrinhos como uma ameaça na educação e para a leitura dos seus filhos e alunos.

Santos (2008, p. 98) afirmou que:

O preconceito existente contra os quadrinhos por parte de pais e educadores fecha a possibilidade de utilizar este veículo de comunicação para incentivar a leitura. A criança que não lê História em Quadrinhos tampouco se sentirá disposta a enfrentar textos didáticos, literários e informativos. A utilização de quadrinhos pode ser de grande valia para iniciar o jovem no caminho que leva à consolidação do hábito e do prazer de ler.

Com o passar do tempo, as historinhas em quadrinhos deixaram de ser apenas humorísticas e passaram a ter utilidades crítica, política, educativa e informativa, sendo que elas constituem um meio de comunicação em massa, agregando dois códigos distintos para transmitir uma mensagem: o texto (linguístico) e a imagem (pictórico), nessa agregação de códigos tanto linguístico e pictórico que alguns pesquisadores defendem a raiz pré-histórica das tirinhas, comparando as com pinturas rupestres dos homens pré-históricos que contavam as suas histórias através dos desenhos.

As histórias em quadrinhos são constituídas de um sistema narrativo, composto por dois códigos em constante interação, o código visual e o código verbal: ambos devem ser aprendidos, para que se possa decifrar as imagens, uma vez que os códigos são constituídos de signos e pelas regras que o regem. Na linguagem verbal, os signos são as palavras e as regras a gramática; na linguagem visual, os signos são as imagens. Também temos as linguagens mistas, que é quando utilizamos o código verbal (das palavras, dos textos), complementado com o código iconográfico (imagens).

Pelo fato de as histórias em quadrinhos trazerem em seu conteúdo as imagens, e sendo que as imagens pode representar um universo real, elas possuem algumas funções caracterizadas como simbólica ou pictórica epistêmica e estética, onde a primeira função refere-se a uma possibilidade destas imagens representarem os símbolos religiosos, possibilitando o acesso aos documentos sagrados, em razão da presença divina, nos quadros das igrejas medievais, retratando a via sacra, com os últimos momentos da vida de Jesus na terra.

Na segunda função, estão relacionados às informações e os conhecimentos que as imagens podem expor, como por exemplo nas cartas de baralho, já na terceira função, a estética, tem a função de agradar o telespectador, especialmente com as imagens artísticas.

Na história da humanidade, são muitas as formas de se fazer representar nas diferentes esferas comunicativas, para cada sociedade há uma gama infinita de os seus membros serem reconhecidos. A linguagem constitui um diferencial na construção da identidade de um povo numa determinada cultura. Os gêneros textuais e/ou discursivos representam as formas pelas quais essa cultura ou esse com manifestam nessas sociedades.

Para cada prática social, um gênero se faz presente, seja na forma oral seja na escrita para demonstrar que as situações não são estáticas e é pela e na linguagem que o homem faz-se presente na sociedade. Para Bakhtin, todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre em consonância com a utilização da língua, tendo em vista o seu caráter variável, ou seja, a ligação entre as práticas discursivas e as situações recorrentes nessas práticas são variáveis à medida em que as necessidades das ações sociais discursivas se modificam.

Assim, os gêneros discursivos são constituídos a partir de um enunciado contextualizado nas práticas sociais, por isso, diversos gêneros surgem quase que simultaneamente às novas formas de interação entre elas as virtuais que possibilitam todas as transmutações de gêneros discursivos numa perspectiva não muito diferente das velhas formas. Bakhtin (2003, p. 279) “a riqueza e a variedade dos gêneros são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável”, portanto, percebe-se que nessas esferas de atividades inesgotáveis surgem novos espaços para velhas bases em novas roupagens com os mesmos propósitos em ações diversificadas.

A tirinha enquanto gênero está ligada a uma “espécie” de humor efêmero diário com objetivos voltados para o entretenimento ou para retratar uma crítica a determinadas situações políticas, por isso só pode ser compreendida numa esfera discursiva que mantém uma recorrência de ações similares; não há fato isolado e o discurso retrata sempre algo comum seja na linguagem, nos comportamento social e ou cultural.

A releitura da noção aristotélica de gêneros realizada por Bakhtin resultou numa classificação de gêneros do discurso em primários e secundários, sendo que, os gêneros primários(ou simples), tais como o diálogo cotidiano “ se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, já os gêneros do discurso secundários, mais complexos, desenvolvem-se a partir dos primários, os quais absorvem e transmutam, resultando em construtos como o romance, o drama, o discurso científico e o discurso ideológico.

Os gêneros do discurso enquanto práticas sociais se definem exatamente como uma necessidade de o indivíduo se fazer ser notado em determinada esfera social. Assim como as práticas sociais. Bakhtin (2003) afirma que as formas de uso da linguagem estão intimamente ligadas às atividades humanas e, portanto, são tão variados quanto estas. Enfatiza ainda, que a

linguagem é realizada na forma de enunciados concretos por participantes das várias áreas dessas atividades. Estes enunciados refletem condições específicas e metas de cada uma dessas áreas.

Bakhtin (2003, p 262) ressalta que “a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” em relação às suas esferas sociais. Enfatiza ainda que é nas esferas sociais que os gêneros são regularizados e postos em funcionamento atendendo às necessidades dessas esferas sociais nas quais ele surge e é ressignificado continuamente.

A forma como os gêneros do discurso são efetivados parte do princípio de que

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete a condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua (Bakhtin, 2003 p. 280).

A língua é então entendida como um processo enunciativo-discursivo com características subjetivas construídas socialmente. Nesse sentido, entendemos que as pessoas se comunicam por meio de enunciados que só podem ser compreendidos dentro de um contexto sociodiscursivo passível de transformações sociais e culturais. Algumas vezes, um texto é intencionalmente usado em um contexto, uma situação sociocomunicativa, diferente do contexto em que o gênero é normalmente produzido. Consegue-se, com isso, um efeito comunicativo de impacto, mas um outro gênero é produzido, também o oposto pode acontecer: informações diferentes podem ser organizadas segundo um mesmo padrão e, apesar de diferentes textos, o mesmo gênero é produzido.

4. Resultados e Discussão: Análise das Falas de Chico Bento nas Tirinhas de Maurício Sousa

No Brasil, temos Maurício de Sousa como pioneiro na criação e publicação das tirinhas, iniciando com a publicação da tira do cãozinho Bidu, no ano de 1959, sendo que o cachorrinho foi o primeiro personagem da então famosa turma da Mônica que foi criada no início dos anos 60, com a chegada da Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali.

No ano de 1982, Maurício de Sousa lançou aquela que seria a mais polêmica das suas criações, com o nome de a turma do Chico Bento, que é uma criança que representa a pureza e a simplicidade, trazendo no sorriso a simpática característica do homem do campo, é o típico caipira que gosta de andar com os pés descalços, usa chapéu de palha e gosta de tocar moda de viola. Mora na vila abobrinha e gasta o tempo pescando, dormindo na rede, nadando, roubando goiabada do sítio vizinho e brincando com seus amigos. Trazia também como característica do menino caipira a grande admiração pelos animais que chegava a batizar como a galinha Giselda, o porquinho torresmo e a vaca malhada.

No Personagem do Chico Bento, por trazer todas as características de um legítimo caipira, foi alvo de críticas, preconceitos e censura, por trazer o Chico nadando nu. Educadores enxergavam o modo de falar do Chico como uma norma não padrão da língua portuguesa, por ser caracterizada pelo “r” retroflexo, como por exemplo, em (porta, carta), e na substituição dos dígrafos, citamos como exemplo o “lh” por “i”, como em “palha” e “milho”, que se leem “paia” e “mio”, sendo que nos dois casos houve uma adaptação da fonética portuguesa a fonética tupi, outro ponto importante no dialeto considerado caipira é a ausência da diferenciação do singular e plural, sendo que o dialeto caipira usa “a casa” quanto “as casa”. Sendo assim, muitos pais e educadores acreditavam que o dialeto caipira existente nas tirinhas seria um estímulo para que as crianças imitassem a forma de falar dos personagens.

A representação de Chico Bento, como um menino caipira, da roça, com roupas simples e chapéu de palha, traz traços de aspectos verbais e não verbais. Chico Bento traz em seu jeito de falar traços de sua personalidade, assim como através da

linguagem o falante traz em si sua cultura e história. Ao analisar a representação da personagem, percebe-se a representação da fala caipira, muito comum ao uso do português brasileiro.

Para analisar as marcas da variação linguísticas na fala do personagem Chico Bento, é necessário que se compreenda os tipos de variações linguísticas, e sejam analisados três eixos claros de variação: o diacrônico (a língua sendo representada pela passagem do tempo), o “diatópico” (a língua varia de acordos com os espaços geográficos, de região a região), e o diastrático (quando a língua é afetada pelo meio social que o falante está inserido).

Segundo Camacho (2011), os elementos extralinguísticos que causam as variações em nossa língua, podem se dividir em variantes geográficas, socioculturais e estilísticas ou de registro:

[...] toda língua comporta variantes: (i) em função da identidade social do emissor; (ii) em função da identidade social do receptor (iii) em função das produções sociais de produção discursiva. Em função do primeiro fator, pertencem as variantes que se podem denominar dialetais em sentido amplo: variantes geográficas e socioculturais. Em função do segundo e terceiro fatores, pertencem as variantes de registro ou estilísticas. Referem-se ao grau de formalidade da situação e ao ajustamento do emissor à identidade social do receptor (Camacho, 2011, p. 58).

A variação geográfica leva em consideração o espaço, ou seja, dependendo da região onde o falante está localizado, haverá determinados tipos de variação, seja lexical, fonético etc. Como por exemplo, a região Nordeste que apresenta variantes distintas de falantes da região norte do Brasil.

A variante sociocultural resulta da semelhança entre a fala de indivíduos de um mesmo grupo social. A variante provém das diferenças como faixa etária, escolaridade, profissão, classe econômica, etc. Já a variação estilística é baseada no contexto onde o falante está inserido, podendo apresentar uma linguagem ora formal ou informal. Como Camacho (2011.p. 60) diz: “é resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão do falante sobre as formas que seleciona para compor seu enunciado”.

Com essas reflexões, percebe-se que as peculiaridades do sistema fonológico de uma língua funcionam como marcas objetivas de identidade de determinados falantes, permitindo que seus interlocutores identifiquem sua origem. Reconhece-se, assim, que a reflexão sobre as línguas, ou variedades de línguas, como marcas de identidade, deve incluir outros aspectos de natureza ideológica ou psicossocial. Segundo Bortoni-Ricardo (2014, P. 28), “não é somente na relação entre línguas oficiais de dois ou mais países que se pode observar o papel de símbolo identitário de um código linguístico. Também no âmbito de uma mesma língua, é notável como os usos linguísticos são um instrumento que os falantes usam para marcar sua identidade, especialmente sua origem geográfica”.

Com base nesses conceitos, serão analisadas algumas tirinhas de Chico Bento. Na figura 1 abaixo, nota-se um diálogo entre Chico Bento e outro personagem, em que aquele explica o porquê está com um violão:

Figura 1 – tirinha de Chico Bento



Figura 5 – Quadrinho do Chico Bento

Fonte: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/07/tirinha-n-28-chico-bento.html>

Percebe-se duas marcas de variação linguística nas tirinhas de Chico Bento, a diastrática e a diatópica (fazê-fazer; cantá-cantar; implicô-implicou; num gostô-não gostou; im riba-em cima). Chico Bento mostra claramente no seu jeito de falar e vestir (através de sua linguagem verbal e não verbal) a variação social (diastrática). Isso por ser um menino pobre do interior “paulista”, o que é identificado em seu jeito, suas raízes sociais. Chico Bento naturalmente fala como escutou seus pais falarem e as pessoas a sua volta. Esta é uma característica importante, já que as variações são uma reprodução do modo de falar das pessoas que fazem parte das redes sociais do aluno, como seus pais, amigos, avós, etc.

Nota-se a variação diatópica “regional” na sua linguagem, pois Chico Bento representa um garoto de aproximadamente sete anos do interior paulista, e com isso sua linguagem se caracteriza também com a região em que vive, da zona rural. Ele fala com os demais moradores daquela região, o que é percebido no momento em que seu primo, sendo da cidade, fala e veste-se de maneira diferente, o que representa que a forma de se falar é influenciada pela região a que pertence.

Assim, na Figura 1, fica explícito que Chico Bento expressa-se com uma linguagem característica do homem do campo, ele mantém um vocabulário reduzido, em que aglutina algumas letras e algumas palavras, e apesar de algumas palavras não manterem uma concordância, elas produzem comunicação.

Quando a variação ocorre nas diferenças dos sons, temos a variação diatópica fonética, pelo motivo de a fonética estar relacionada com o som da fala. Vejamos um exemplo desta variação na fala do Chico Bento na figura 2 abaixo, que exemplificam essas variações:

Figura 2 – Tirinha do Chico Bento.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

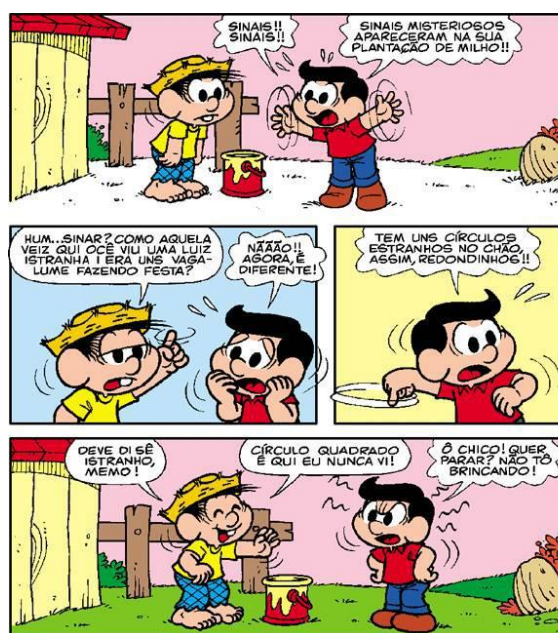
Fonte: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/07/tirinha-n-28-chico-bento.html>

Na Figura 2 é observada a variação diatópica fonética, quando Chico utiliza a palavra “Drumi” para designar o verbo “dormir”, também deixando claro que a linguagem utilizada por Chico é uma linguagem rural. Especificamente, quanto aos tipos de variação linguística, há na referida fala a presença de uma representação da variação diatópica nos termos: “num”, “pr’eu”, “drumi”, “pru”, “fio”, “drumindo”, “sabe”, “dos fim”, que são exemplos da fala considerada caipira, própria do interior do Brasil, como já mencionado. Estas variações são bastante estigmatizadas e relacionadas às camadas sociais menos favorecidas economicamente. Também pode ser considerada uma variação diastrática, tendo em vista que há bastante contato social entre grupos diferentes.

As falas “drumi”, “pru” e “drumindo” são a representação gráfica de uma metátese, que corresponde à alteração de posição de um fonema, no caso o /r/, no interior da sílaba: “dormir” > “dromir” e “por” > “pro”. Esta variação linguística atinge o nível fonético-fonológico e o morfológico. O mesmo ocorre com “precisá” > “precisar”, “tauba” > “tábua” e “vrido” > “vidro”. Nestes últimos exemplos, a alteração se dá de uma sílaba a outra. Conforme a professora Bortoni-Ricardo (2014), este fenômeno é muito comum nos falares rurais mas também o é na fase de aquisição da linguagem.

Na figura abaixo, outras variações são apresentadas na fala de Chico Bento com outra personagem:

Figura 3 – tirinha do Chico Bento.



Fonte: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/07/tirinha-n-28-chico-bento.html>

Na Figura 3, observamos a diferença dialetal nas falas do personagem do Chico Bento em relação a do seu primo Zeca, mostrando a influência do meio em que se vive em relação à linguagem, pois Zeca utiliza uma linguagem padrão predominante da zona urbana, em que as pessoas têm acesso a livros e escolas com um nível de aprendizado melhor.

No quadro abaixo é feita a identificação das diferenças entre a fala de Chico Bento e do seu primo Zeca, o que mostra que há uma quantidade de variações estigmatizadas socialmente na fala de Chico, enquanto a de seu primo demonstra maior escolarização e acesso ao letramento formal:

Quadro 1 – diferença da fala de Chico Bento e Zeca.

Como Chico bento fala	Como Zeca fala
Sinar	Sinais
Ocê	Você
Veiz	VeZ
Qui	Que
Luiz estranha	Luz estranha
I	E
Deve de sê	Deve ser
Memo	Mesmo
Inda	Ainda

Fonte: Autores.

Além da variação diatópica fonética existente na fala do Chico Bento, também existem os processos fonéticos ou fenômenos fonéticos, que são as mudanças dos sons pela alteração das pronúncias das palavras. Sendo que essas alterações podem ser de adição, queda ou permuta, e podem ocorrer no início da frase, no meio e fim. Exemplo: “ocê” por (você) e “inda” por (ainda), houve uma queda da letra “V” no caso ocê e da letra “a” no caso de ‘ainda’. Para esse processo fonético, damos o nome de aférese que é quando à alteração ocorre no início da palavra, quando a queda da letra ocorre no meio das palavras chamamos de síncope.

Dessa forma, em ambas as palavras, houve uma redução da letra, o Chico pronuncia “sinar” e “memo”, enquanto seu primo Zeca pronuncia “sinais” e “mesmo”. Agora, analisemos esta palavra na fala de Chico Bento e depois na fala de seu primo Zeca:

Chico Bento = deve de “sê”

Zeca = deve “ser”.

Observamos que na fala de Chico houve uma queda da letra “r” no final da palavra, enquanto na fala de Zeca a letra continua, para isso damos o nome de apócope, redução da palavra no final da frase.

Há também o fenômeno de adição da letra no início da palavra, (prótese) “inda” por “ainda”, no meio da palavra (epêntese), “veiz” por “vez”, “luiz” estranha por “luz” estranha, e no fim, (paragoge) “humile” por “humilde”; já o fenômeno de permuta acontece quando existe uma troca de som dentro da frase, como por exemplo, “auga” quando se quer dizer água.

A variação diastrática corresponde à camada social na qual o indivíduo faça parte, em que o falar de um indivíduo é subordinado ao nível socioeconômico e cultural dele. A variação diastrática é dividida pelos seguintes elementos: prefixo grego “dia” que significa “através de”, “por meio de”, “por causa de”, “estrato”, radical latino que forma camadas, “ico”, sufixo grego que forma adjetivos, a variação diastrática, como ocorre na diatópica, pode ser, fonética, lexical e sintática.

Dependendo do que seja modificado na fala, por exemplo, quando se fala “adevogado”, “pinéu”, “bicicreta”, ocorre a variação diastrática fonética, quando se usa o termo presunto para designar um corpo de uma pessoa, ocorre a variação diastrática lexical, ao falar a frase, “houveram menos percas”, no lugar de “houve menos perdas”, acontece a variação diastrática sintática. Vejamos os exemplos abaixo:

Figura 4 – tirinha do Chico Bento.



Fonte: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/07/tirinha-n-28-chico-bento.html>

Na Figura 3 é notável a diferença na fala do Chico e da professora, já que Chico utilizou uma linguagem predominante do meio em que ele vive, provavelmente uma herança familiar vinda dos pais, já que se ele convivesse constantemente com uma linguagem mais culta com certeza ele a utilizaria.

A variação diafásica ocorre nas variações estabelecidas em função do contexto comunicativo, ou seja, para que haja uma boa comunicação, vai depender da ocasião em que o interlocutor esteja inserido. Temos, assim, uma comunicação formal ou informal, em que o nosso discurso é adequado de acordo com a pessoa com que falamos.

Essa variação também é composta pelos seguintes elementos, “dia”-, prefixo grego que significa através de, por meio de, por causa de; “phasy”, radical grego que significa expressão; “iço”, sufixo grego, que forma adjetivos. Não diferente da diastrática e da diatópica, a variação diafásica, também pode ser fonética, lexical e sintática,

Na variação diafásica encontramos a liberdade de falarmos e escrevermos da maneira que bem entendermos e acharmos conveniente, esta variação permite que um cidadão letrado possa se comunicar com uma pessoa de um grau de instrução inferior sem que haja qualquer tipo de falha na comunicação. Por ser uma linguagem informal, solta, é muito comum a utilização desta pelos jovens onde eles se utilizam de palavras próprias sem se preocupar com a comunicação dentro da norma considerada padrão. Esse é um dos fatos que justificam o debate em sala de aula em torno da Sociolinguística.

Bortoni-Ricardo (2014) faz uso da análise sociolinguística baseada em diálogos ficcionais são as falas do personagem de Mauricio de Sousa, Chico Bento, nascido e criado na zonal rural. A análise sociolinguística que a autora faz da fala da personagem é interessante, pois mostra a mudança linguística dele ao mudar-se para a cidade a fim de cursar Agronomia, o que imprime a Chico Bento um novo papel social, de aluno universitário, o que resulta na mudança no seu modo de falar. No entanto, este é um tema a ser discutido em outro trabalho.

Stella chama a atenção para um aspecto muito importante da Sociolinguística, ao mencionar que esta é uma ciência que nasceu preocupada com o desempenho escolar de crianças pertencentes a grupos sociais ou étnicos de menor poder econômico e cultura predominantemente oral. É neste momento que compreendemos a interdisciplinaridade a que a Sociolinguística está relacionada e que pesquisadores das mais diversas áreas sociais podem lançar mão de seus conceitos e bases para realizar estudos. Também notamos que, na educação, especialmente aulas de língua portuguesa, é preciso que o

professor seja revestido de sensibilidade sociolinguística com o fito de melhor compreender os processos sociais e culturais nos quais os seus alunos estão inseridos e que, de certa forma, influenciam nas questões linguísticas.

Nessa última parte, compreendemos o quanto a Sociolinguística educacional é importante, já que deve ter como objetivo a solução de problemas educacionais e na realização de propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. A autora aproveita o ensino e retrata sua imensa preocupação com os altos índices de analfabetismo no Brasil. Segundo ela, espera-se que com a democratização da mídia eletrônica, haja uma melhora gradual na solução desse problema.

5. Conclusão

O ensino de língua materna ao longo de sua história tem passado por diversas transformações, especificamente, com relação aos aspectos das variações linguísticas presentes nas produções orais e escritas dos alunos, principalmente nas séries iniciais. Uma questão inquietante para o professor de Língua Portuguesa está relacionada com a constante presença das variações linguísticas nas produções escolares dos alunos. Percebe-se que o professor fica angustiado diante de situações nas quais o aluno transfere para a escrita suas marcas de oralidade, sobretudo, porque essas marcas evidenciam o quanto a distância entre a linguagem do aluno e o que a escola se propõe a ensinar é bastante ampla.

Na verdade, sabe-se que desde muito cedo o usuário da língua entra em contato com diferentes registros e ainda com determinadas crenças e atitudes acerca da língua; aprendem que existem formas "certas ou erradas", "bonitas ou feias", e assim essas atitudes são perpetuadas, também, no contexto escolar.

Um dos desafios do professor de língua materna passa exatamente pela compreensão dos fatores que incidem sobre as variações linguísticas e de como inseri-las no processo de ensino aprendizagem, visto que, no universo da linguagem as variações devem ser vistas como recursos e reflexos da própria sociedade.

Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade que nega as diferenças e essa negação produz a desigualdade, o racismo e o preconceito. E o ensino de língua materna tal como é preconizado nas escolas, tem perpetuado essa desigualdade quando faz um discurso acerca das variedades linguísticas, e no contexto escolar notadamente nas produções escritas e até mesmo nas atividades discursivas orais determina para os alunos as fronteiras do que seja "certo ou errado", nas suas diversas formas de se expressar.

A decisão em estudar as variedades linguísticas existente no Brasil, tendo como foco as tirinhas da Turma da Mônica, com personagem Chico Bento, se deu justamente pelo motivo desse personagem ser considerado um símbolo do multiculturalismo, o que o torna um ótimo meio de ser utilizado em sala de aula, proporcionando, assim, o combate acerca do preconceito linguístico existente em nosso país, principalmente com pessoas oriundas do interior, que chegam à sala de aula e se deparam com uma situação comunicativa totalmente diferente da que estão acostumadas.

Através dos resultados parciais, foi possível a constatação de que o preconceito linguístico sobre as variedades existentes no Brasil recai especialmente em falantes oriundos da zona rural e de estratos sociais mais pobres. Esse é um motivo suficiente para o debate sobre as variedades linguísticas e o preconceito linguístico, que deve ser frequente em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, em especial, assim como nas demais numa perspectiva interdisciplinar.

Dessa forma, cabe ao professor valorizar a bagagem linguística, Gramática Internalizada, que os alunos já levam para a escola e não tentar negá-la para inserção forçada da norma gramatical, que é muitas vezes preterida pela escola. Nesse sentido, propomos que tal estudo por meio dos gêneros textuais a fim de tornar a aquisição de conhecimentos algo mais aplicável na vida em sociedade do indivíduo, uma vez que as relações sociais se estabelecem por meio da comunicação oral ou escrita.

Enfim, a área de variação linguística tem crescido bastante nos últimos anos, especialmente no contexto de sala de aula, por isso, torna-se evidente a urgência em realizar pesquisas com essa temática, a fim de que seja evitado o preconceito

linguístico contra as variações estigmatizadas socialmente, bem como forneçam apoio teórico, conceitual e metodológico para professores de língua.

Referências

- Andrade, M. (2007). *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação*. (5a ed.), Atlas.
- Bagno, M. (2003). *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. Loyola.
- Bagno, M. (2013). *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. (17a ed.), Contexto.
- Bagno, M. (2003). *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Bagno, M. (Org.). (2001). *Norma linguística*. Loyola.
- Bakhtin, M. (1996). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. G. G. Pereira. (2003). (2a ed.), Martins Fontes.
- Bechara, E. *O ensino da gramática: Opressão? Liberdade?* (2006). (12a ed.), Ática.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2005). *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo, Parábola Editorial.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2014). *Manual de Sociolinguística*. Contexto.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2008). *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. Parábola Editorial.
- Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. MC/SEF, 1998.
- Bright, W. (1966). *Sociolinguística*. Mouton: The Hague.
- Cagliari, L. C. (2003). *Alfabetização e linguística*. (10a ed.), Editora Scipione.
- Calvet, L. J. (2002). *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. Parábola.
- Camacho, R. (2001). Sociolinguística. In: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Cortez.
- Costa, C. S. M. (2008). Variação linguística e interdisciplinaridade: uma nova abordagem da linguagem e da educação. In: lima, M. A. Ferreira., Alves Filho, F., carvalho, M. do S. F. (orgs.). *Olhos espalhados: linguagem e literatura ao sol*. Teresina: Ed. do autor.
- Costa, C. S. M. (2010). Oralidade e Letramento: uma forma de exclusão social? In: lima, M. A. F.; costa, C. S. M. da.; Alves Filho, F. (orgs.). *Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino*. EDUFPI.
- Crystal, D. (1988). *Dicionário de linguística e fonética*. Dias, M (Trad). Jorge Zahar.
- Damasceno, M. F. C. (2012). *A vogal átona final no falar dos picaenses: uma investigação sociolinguística*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Piauí.
- Elia, S. (1987). *Sociolinguística: uma introdução*. Padrão (Universidade Federal Fluminense - EDUFF).
- Goldenberg, M. (1999). *A arte de pesquisar*. Record.
- Ludke, M.; André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. E.P.U. 99p.
- Marconi, M. A.; lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica*. (8a ed.), Atlas.
- Marcuschi, L.A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. Lucena.
- Marcuschi, L.A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola Editorial.
- Marcuschi, L. A. (2005). Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: Dionisio, Â. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (Org). *Gêneros textuais & ensino*. (4a ed.), Lucerna.
- Monteiro, J. L. (2000). *Para compreender Labov*. Vozes.
- Possenti, S. (2002). *Por que (não) ensinar Gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- Preti, D. (2000). *Sociolinguística: os níveis de fala - um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. USP.
- Santos, R. E. (2008). A História em Quadrinhos na Sala de Aula. In: *Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação*. <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP11__santos_roberto.pdf>
- Saussure, F. (2006). *Curso de linguística geral*. Editora Cultrix.